

QUEM FOI GONÇALO CALDEIRA – testemunhos para uma análise de funções políticas na corte portuguesa Quatrocentista – de D. João I a D. Afonso V

João Paulo Abreu e Lima
Maria Alice P. Santos

João Paulo de Abreu e Lima e Maria Alice Pereira dos Santos apresentam-se como estudiosos atentos dos oficiais de armas que em Portugal exerceram cargos ao serviço de reis e senhores no período Quatrocentista, demonstrando interesse e atenção permanentes no que diz respeito a esta área de investigação. Revelam-se, também, particularmente sensíveis a todo o tipo de informações que surjam sobre um arauto em particular, o arauto Constantinopla, e um manuscrito que se encontra actualmente em Manchester, datado de 1416. Por isso, sempre que seja feito estudo ou referência quer ao manuscrito quer ao seu autor, consideramos lícito chamar a atenção para aspectos que nos parecem discutíveis e devem ser ponderados de modo a que seja corrigida alguma incorrecção ou interpretação errónea.

Por outro lado, e estando cientes de que a pesquisa de fontes se apresenta como processo contínuo, a que publicações de investigadores nacionais e estrangeiros dão nova luz, procuramos igualmente dar a conhecer outros oficiais de armas que estiveram ao serviço de reis e senhores de Portugal em missões no estrangeiro.

Este breve intróito vem a propósito de um artigo de Don Alfonso de Ceballos – Escalera, Cronista de Armas de Castilla y León, que em parte da sua tese¹, *Oficiais d'Armas ao Serviço da Corôa de Portugal*, cap. IV (1385-1495), escreveu:

En 1416 aparece por primeira y única vez el heraldo Constantinopla, acompañando a la embajada lusa al Concilio de Constanza; seguramen-

¹ In *Símbolos, Gerações e História*, Cascais, Academia de Letras e Artes, 2002, pp. 13 a 119. Cfr. Pp. 14 e 15: *parte de la tesis doctoral que defendí en la Universidade do Minho.*

*te se debe a este oficial, que parece era natural de Lamego (Beira), el armorial ocasional o libro de noticias de aquel concilio*².

Mais adiante, praticamente, identifica Gonçalo Caldeira com o Arauto Constantinopla, pois escreveu:

*En enero de 1416, el heraldo Constantinopla formó parte de la embajada que Don Juan I envió al Concilio de Constanza y al Emperador; ya he dicho que debió de ser este oficial de armas el anónimo redator del tan citado Livro dos Arautos, y añado ahora que quizá se llamara Gonzalo Caldeira, que es nombre que figura escrito en la dobla de la carta dirigida al Rey de Aragón para pedir seguro*³.

Na prosopografia que elabora sobre os oficiais de armas de Portugal repete a mesma teoria: *Caldeira, Gonzalo. Posible autor del Armorial del Concilio de Constanza (1416). Este nombre figura en la dobla de la carta dirigida al Rey de Aragón, en solicitud de seguro para atravesar su Reino*⁴.

A leitura e análise destas afirmações prefiguram-se assaz pertinentes pois projectam-nos para dois tipos de questões. A saber: quem foi o arauto Constantinopla, autor do manuscrito de Manchester de 1416, e que Gonçalo Caldeira surge associado a este oficial de armas. São, certamente, figuras distintas com cargos totalmente identificados na Corte portuguesa. Assim, somos levados a esclarecer alguns pontos que consideramos importante colocar no devido contexto e funcionalidade de cargos e exercícios do poder que não são consentâneos com as afirmações de Ceballos-Escalera.

Por carta datada de Estremoz aos 21 de Janeiro de 1416 e dirigida a D. Fernando, rei de Aragão, sabemos que D. João I enviou, nesse mesmo ano, a sua embaixada ao Concílio de Constança e ao Imperador, constituída por quatro embaixadores, D. Fernando de Castro, Álvaro Fernandes de Ataíde, Dr. Gil Martins e Dr. Vasco Pires, e que os acompanhava, como era costume nessa época, um seu arauto, denominado Constantinopla⁵. É oportuno lembrar que o ingresso de qualquer indivíduo na corporação dos oficiais de armas estava sujeito a um ritual específico – o baptismo no cargo –, que lhe conferia um nome pelo qual, e no exercício das suas funções, passava a ser identificado. Assim, o nome de nascimento estava-lhe reservado apenas para outras situações da sua *vida* privada. Por isso, este arauto é o que não foi identificado pelo nome comum.

² Don Alfonso de Ceballos-Escalera, in *ibidem*, p. 54.

³ Idem, *ibidem*, p. 61.

⁴ Idem, *ibidem*, p.95.

⁵ *Monumenta Henricina*, vol. II, Coimbra, 1960, Doc. 114, pp. 237-238.

Quanto ao arauto Constantinopla é possível recuar a sua actividade conhecida a 1414, ano em que acompanhou uma primeira embaixada que se dirigia ao Concílio de Constança⁶. É igualmente possível localizá-lo em Troyes em 1418. Tendo saído da cidade alemã de Constança, onde acompanhou a segunda embaixada ao concílio em 1416, encontra-se nessa cidade e recebe a quantia de quarenta e cinco francos como recompensa pela execução e oferta de um esmalte com as armas do Duque de Borgonha⁷. Deste modo, Ceballos-Escalera não demonstrou o cuidado suficiente na pesquisa de fontes ao afirmar que surgiu pela primeira e única vez como actuando no ano de 1416⁸.

Por outro lado, a afirmação de Ceballos-Escalera de que seguramente se deve ao Aauto Constantinopla a autoria do Armorial do Concílio de Constança, ou livro de notícias, não pode ser proferida, de modo algum, com o suporte de citação em Aires do Nascimento⁹. Este nega cabalmente tanto a autoria do Aauto Constantinopla para o ms. Lat. 28, como a classificação deste como Armorial Ocasional relacionado com a celebração do Concílio de Constança, optando antes por classificá-lo, primeiro como armorial marginal¹⁰ e depois como armorial geral¹¹. Ceballos-Escalera, certamente por esquecimento, não referiu que esta associação de autoria só a pode ter encontrado em publicações de João Paulo de Abreu e Lima¹² e de Maria Alice Pereira dos Santos¹³.

Por outro lado, o autor anónimo do m. Lat. 28 da John Rylands Library da Universidade de Manchester¹⁴, publicado sob o título de Livro de Aautos¹⁵,

⁶ Jacques Paviot, *Portugal et Bourgogne au XVe siècle*, Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1995, p. 26.

⁷ Idem, *ibidem*, p. 185.

⁸ Idem, *ibidem*, p. 324 e fontes citadas.

⁹ Aires Augusto do Nascimento, *Livro de Aautos, De Ministerio Armorum*, Script. Anno MCCCCXVI, Estudo Codicológico, Histórico, Literário, Linguístico. Texto crítico e tradução. Dissertação para doutoramento em Linguística Latina apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1977, pp. 20 e 253, que apenas dizem respeito à naturalidade do autor.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 17.

¹¹ Aires Augusto do Nascimento, "A heráldica: uma iconografia gramaticalizada. O Livro de Aautos: um instrumento de intervenção diplomática, in Maria Adelaide Miranda (dir.), *A Iluminura em Portugal. Identidades e Influências*, Lisboa, Ministério da Cultura / Biblioteca Nacional, 1999, p. 337. Ver também João Paulo de Abreu e Lima, *Miscelânea Crítica sobre Iluminura e Heráldica*, Lisboa, 2001, p. 8.

¹² *Oficiais de Armas em Portugal*, cit., p.324.

¹³ *O Olhar Ibérico sobre a Europa Quatrocentista no Livro de Aautos*, Dissertação de Mestrado Interdisciplinar em Estudos Portugueses, Lisboa: Universidade Aberta, 2000, p.2, p. 3, nota 9.

¹⁴ João Paulo de Abreu e Lima, "Existe um Códice Português Armoriado dum artista de Lamego, anterior um Século ao Armeiro-mor", in *Diário de Notícias* de 8 de Fevereiro de 1968, pp. 15 e 16.

¹⁵ Aires Augusto do Nascimento, *Livro de Aautos*, cit.

não pode apenas parecer que seria natural de Lamego. A sua naturalidade é um dado adquirido, que o próprio testifica: *Nec natale solum me ut civitate Lamacensem dicte provincie Beirie silencio transeam permittit*¹⁶.

Por último, quanto a ter acrescentado que o Arauto Constantinopla se poderia ter chamado Gonçalo Caldeira, por ser o nome que se encontra escrito na dobra da carta que em 21 de Janeiro de 1416 foi dirigida ao rei de Aragão - que nos desculpe a forma - é uma dedução sem pés nem cabeça!

Pelas características codicológicas dessa carta, assinaladas pelo franciscano António Joaquim Dias Dinis, compilador da Monumenta Henricina, sabemos ainda que no seu verso se encontra a indispensável especificação do destinatário e, na dobra, um nome isolado: Gonçalo Caldeira¹⁷.

De facto, além de quanto já deixámos explanado no início deste trabalho, não faz qualquer espécie de sentido que D. João I tivesse identificado um dos componentes da sua embaixada como Arauto Constantinopla e, sem que alguém o pudesse adivinhar, mandasse escrever o seu nome de nascimento na dobra da carta. Ademais, completamente solto.

Quando dividimos análises e rejeitámos hipóteses, fomos ambos unânimes em que só faria sentido que o nome Gonçalo Caldeira aparecesse escrito na dobra da referida carta por ter sido ele que a tivesse escrito, a mando de D. João I.

Deste modo, bastava consultar a obra de Armando Luís de Carvalho Homem para ter uma informação detalhada sobre a biografia de Gonçalo Caldeira¹⁸, e uma perfeita noção dos cargos que desempenhou como da sua importância na estrutura política da organização régia.

De facto, pelo menos desde 1404 e até 1433 Gonçalo Caldeira figura em vários documentos como Escrivão da Câmara de D. João I¹⁹ ou como

¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 253: col. 55.

¹⁷ *Ibidem*, p. 238.

¹⁸ Armando Luís de Carvalho Homem, *O Desembargo Régio (1320-1433)* Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Universidade do Porto, 1990, p. 315.

¹⁹ *Cabido da Sé, Sumários de Lousada, Apontamento dos Brandões, Livros dos Bens Próprios dos Reis e Rainhas, Documentos para a história de Lisboa*, Lisboa, 1954, Parte I, Sumários de Lousada (excertos), fl.179, p. 245; *Monumenta Henricina*, Coimbra, 1960. Doc. 136, 21 de Outubro de 1408, Carta de venda a D. João I do couto de Guardão, p. 232, *Testemunhas [...] Gonçallo Caldeyra, scrivam da sua camara*;

Ibidem, vol. II, Coimbra, 1960, Doc. 176 de 7 de Janeiro de 1420, Carta de el-rei D. João I a nomear administrador dos bens que deixara em Testamento Sancha Anes de Palhava; p. 364: *Elrey o mandou per Gonçallo Caldeira, seu vassalo, scrivam da sua camara, nom sendo hi os veedores da sua fazenda, a que esto peteencia*.

Notário geral na corte e em todo o seu Reino e escrivão da sua câmara²⁰. Em 1434, um ano após a morte do monarca e agora ao serviço do Rei D. Duarte, assina todas as páginas do Foral da Portagem de Lisboa como seu contador-mor²¹. E, em data provável de 30 de Abril de 1441, mas anteriormente a ela e ainda como contador de D. Afonso V, admoesta os alcaides de Lisboa e de Setúbal para que estes restituíssem as armas que lhes haviam sido entregues para as empresas de África, desde a tomada de Ceuta²².

Assim, de acordo com os documentos e respectiva interpretação, julgamos que ficará definitivamente desfeita a pretensão de Ceballos-Escalera de identificar o Arauto Constantinopla com Gonçalo Caldeira. O primeiro foi oficial de armas que fazia parte de um corpo organizado com funções heráldicas, cerimoniais e diplomáticas²³; o segundo exerceu os cargos de *Escrivão, Notário geral, Contador-mor e Chanceler das cartas dos Contos de Lisboa*²⁴ dos reis D. João I, D. Duarte e D. Afonso V, e que, pela sua especificidade, remetem para o funcionalismo da administração régia.

Para além de tudo quanto já assinalámos e tratámos, pode ainda evidenciar-se a manifesta falta de atenção de Ceballos-Escalera ao referir o Rei de Armas Ceuta, que apenas considera em exercício de funções em 1427. De facto, cingido ao rol da única fonte aproveitada²⁵ para a elaboração do Capítulo IV – *Los Oficiales de Armas de la Corona de Portugal (1385-1495)*, não atendeu ao que vem expresso nas conclusões²⁶. Aí se recuara, então, a actividade do Rei de Armas Ceuta para uma década antes ao serviço do Infante D. Duarte. Isto é, para o ano de 1417, apenas dois

²⁰ *Ibidem*, vol. III, Coimbra, 1961, Doc. 91, 16 de Fevereiro de 1428, Contrato de casamento do infante D. Duarte, p. 182: *em poder de Gonçalo Caldeira, notairo e scripuam da camara do dicto ssenhor rrej de Portugal*; *ibidem*, vol. IV, Coimbra, 1962, Doc. 64 [1433], *Livro dos moradores da casa de el-rei D. João I*, p. 229: *Officiaes da Caza – Gonçalo Caldeira, Escrivão da Camara, 5.000 libras*.

²¹ A.N.T.T., C.F 42: *Foral da Portagem de Lisboa* [1434]; *A Iluminura em Portugal, Catálogo da Exposição Inaugural do Arquivo Nacional da Torre do Tombo* com Prefácio de Martim de Albuquerque, Porto-Lisboa: Figueirinhas, 1990, p. 116; Doc. 87: *Todas as páginas assinadas por Gonçalo Caldeira, contador-mór de D. Duarte*.

²² *Monumenta Henricina*, Vol. VII, Coimbra, 1965, Doc. 149 [Anterior a 30 de Abril de 1441], Exposição dos Alcaides de Lisboa e de Setúbal, a pedir a el-rei D. Afonso V os não constanja a restituir as armas que lhes foram entregues para as empresas de África, desde a tomada de Ceuta, pois a maior parte delas se perdeu, p. 232: *nos somos constangidos, per Gonçallo Caldeira e Armão Botim, nossos contadores [...]*.

²³ Cf. Rita Costa Gomes, *A Corte dos Reis de Portugal no Final da Idade Média*, Lisboa, Difel, p. 33.

²⁴ Armando Luís de Carvalho Homem, *op., cit.*, p. 315.

²⁵ João Paulo de Abreu e Lima, "Oficiais de Armas em Portugal", *cit.*, pp. 309 a 344.

²⁶ *Idem, ibidem*, p. 344.

anos após a conquista de Ceuta, que lhe emprestara o nome para o seu baptismo no ofício.

Acresce que ao tempo em que foi defendida e publicada a tese em causa já era possível acrescentar ao rol referido, - o que quer dizer também à tese -, uma vasta série de novos oficiais de armas ao serviço de Portugal e de novas missões desempenhadas por alguns daqueles que então foram assinalados. Série essa que vem alargar e grandemente inovar o quadro estabelecido para a matéria, bem como de alguns conceitos nele definidos e provados para a nossa Heráldica Quatrocentista. Na verdade, com essa nova série pode demonstrar-se que, a existência, em Portugal, de oficiais de armas, não se confinava a oficiais de armas exclusivos da Casa Real.

Vejamos, assim, quanto é possível, mediante as fontes ao tempo disponíveis, acrescentar-se ao primeiro rol divulgado²⁷. Para o efeito seguiremos uma ordem cronológica e intercalada na numeração desse rol.

23 a ___ 1414. Arauto Bourbon, francês.

Mencionado na carta de desafio, de João I Duque de Bourbon, enviada aos Infantes D. Pedro e D. Henrique para um torneio²⁸.

340

23 b ___ 1414. Arauto Constantinopla, português.

A acompanhar Rui Mendes e o Cardeal D. João de Azambuja junto do Duque de Borgonha²⁹ quando regressavam da tentativa de participar no então interrompido Concílio de Constança, como embaixadores de D. João I.

23 c ___ 1415. Arauto Dumayne, francês.

Mencionado na carta de resposta dos Infantes D. Pedro e D. Henrique ao Duque de Bourbon. Esteve presente à conquista de Ceuta³⁰.

26 a ___ 1418. Arauto Constantinopla, português, já referido.

Recebe em Dijon a quantia de 45 francos pela execução e oferta de um esmalte com as armas do Duque da Borgonha³¹

²⁷ Idem, *ibidem*, pp. 318 a 342: *Rol Cronológico de Referências a Reis de Armas, Arautos e Passavantes Portugueses, dos Séculos XIV e XV, e de Estrangeiros com Missões em Portugal*.

²⁸ *Monumenta Henricina*, vol. II, Coimbra, 1960, pp. 93-94.

²⁹ Jacques Paviot, op. cit., pp. 26 e 178 (Doc. 48, ADN, B 4088. fl.201).

³⁰ *Monumenta Henricina*, vol. II, pp. 229-230.

³¹ Jacques Paviot, op. cit., p. 185 (Doc. 59, ADCO, B 1598, fl. 189).

26 b ___ 1419. Rei de Armas Portugal, português.

Referido na carta de armas dada por D. Pedro de Meneses, Conde de Vila Real e 1.º Capitão de Ceuta, a Vicente de Vasconcelos, na qual lhe concede as próprias armas por o ter salvo da morte. Carta datada de Ceuta a 18 de Setembro³².

27 a ___ 1422. Passavante Penela, português.

Oficial de armas do Infante D. Pedro, com a denominação do nome de uma vila do ducado de Coimbra. –embora o documento o dê como sendo do serviço do rei de Castela³³, deve ter feito parte da comitiva de Diogo de Oliveira aquando da sua deslocação a França e a Arras.

27 b ___ 1422. Passavante Bien me plait, português.

Oficial de armas do Infante D. Fernando, com denominação do mote da sua empresa³⁴. Estava em Arras em situação idêntica à do Passavante Penela, referido em 27 a.

29 a ___ 1423. Passavante sem denominação, português.

Ao serviço do Infante D. Duarte. Esteve em Arras a entregar ao Duque de Borgonha várias cartas suas e de D. João I³⁵, seu pai.

341

29 b ___ 1426. Rei de Armas Portugal, português.

Esteve em Mideleburgo, na Zelândia, a entregar cartas fechadas do Infante D. Pedro ao Duque de Borgonha, que lhe ofereceu 75 libras³⁶.

31 a ___ 1428. Arauto sem denominação, português.

Oficial de armas ao serviço de D. João I. Esteve no mês de Março em Mideleburgo a levar cartas do rei de Portugal ao Duque de Borgonha, que o recompensou com 15 libras³⁷.

33 a ___ 1431. Passavante Renty, flamengo.

Este passavante, em 1430, e de regresso de Portugal, levou por mar um

³² D. António, Conde de São Payo, *Uma carta inédita de Parentesco e Brasão de Armas*, Lisboa, 1925.

³³ Jacques Paviot, op. cit., p. 195 (Doc. 73, AND, B 1927, fl. 90 v.).

³⁴ Idem, *ibidem*, p. 195 (Doc. 73).

³⁵ Idem, *ibidem*, p. 195 (Doc. 74, ADN, B 1927, fl. 183).

³⁶ Idem, *ibidem*, p. 199 (Doc. 80, ADN, B 1933, fls. 97v e 98).

³⁷ Idem, *ibidem*, p. 203 (Doc. 88, ADN, B 1938, fl. 89).

dos retratos da Infanta D. Isabel pintado por Van Eyck, para o Duque de Borgonha a conhecer antes de chegar à Flandres.

Adoecendo durante a viagem é possível que tenha falecido. Em 1431, antes de 12 de Outubro, o Duque manda pagar a sua mãe Joana de Marselle o donativo devido a Renty³⁸.

36 a ___ 1431. Arauto Viseu, português.

Ao serviço do Infante D. Henrique, Duque de Viseu, e denominado com o nome da cidade capital do seu ducado, esteve na Flandres a acompanhar a Infanta D. Isabel e a cumprir várias missões de que o encarregou³⁹.

38 a ___ 1432. Rei de Armas Portugal, português.

Em Dezembro esteve em Ecluse a levar notícias do Rei de Portugal. Em Fevereiro, em Bruxelas, o Duque de Borgonha manda dar-lhe a quantia de 28 libras e 10 soldos para ajuda do seu regresso a Portugal⁴⁰.

38 b ___ 1433. Arauto sem denominação, português.

Esteve em Mideleburgo no mês de Abril e recebeu a quantia de 19 libras para ajuda do seu regresso a Portugal⁴¹.

38 c ___ 1433. Passavante Miranda, português.

Ao serviço de Diogo Lopes de Sousa, senhor de Miranda, e com denominação do nome do seu senhorio, foi junto do Duque de Borgonha a acompanhar o acrobata Jorge, que lhe fora enviado⁴².

42 a ___ 1435. Arauto Montemor, português.

Ao serviço do Infante D. Pedro e com denominação da Vila de Montemor-o-Velho do seu senhorio do Ducado de Coimbra, esteve em Dijon onde recebe do duque de Borgonha um donativo para lhe executar um esmalte com as suas armas⁴³.

³⁸ Idem, *ibidem*, p. 228 (Doc. 114, ADN, B 1942, fl. 164 v.).

³⁹ Idem, *ibidem*, p. 221 (Doc. 100, ADN, B 1942, fl. 44).

⁴⁰ Idem, *ibidem*, pp. 238-239, (Docs. 136 e 139, ADN, B 1945, fl. 157 e B 1948, fl. 166).

⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 242 (Doc. 143, ADN, B 1948, fl. 180 v.).

⁴² Idem, *ibidem*, pp. 124 e 245 (Doc. 150, ADN, B 1948, fl. 232 v.). A existência deste passavante demonstra que, em Portugal, os oficiais de armas não eram exclusivos da Casa Real.

⁴³ Idem, *ibidem*, p. 253 (Doc. 166, ADN, B 1954, fl. 114 v.). A execução de esmaltes com as armas dos senhores a quem visitavam era uma prática corrente na época em que os oficiais de armas eram competentes.

42 b ___ 1435. Arautos sem denominação, portugueses.

Estes dois arautos assistiram João de Melo, cavaleiro português, durante as justas em Arras com o Senhor de Charny. O Duque da Borgonha ofereceu-lhes a quantia de 40 filipes⁴⁴.

42 c ___ 1435. Arauto Montemor, português.

Já referido supra, este arauto recebe em Setembro o donativo de 15 libras para ajuda do seu regresso a Portugal⁴⁵.

42 d ___ 1435. Passavante Batalha, português.

Álvaro de Brito recebe a quantia de 7 libras e 10 soldos para entregar a este passavante da corte portuguesa, quando esteve perante o duque de Borgonha em Arras⁴⁶.

46 a ___ 1437. Arauto Montalegre, português.

Oficial de armas do conde de Barcelos. Esteve em Lille e recebeu do duque de Borgonha a quantia de 14 libras e 8 soldos⁴⁷.

47 a ___ 1438. Arauto Montemor, português.

Este arauto, já referenciado, volta à Flandres. O Duque de Borgonha faz-lhe o donativo de 14 libras e 8 soldos para ajuda de viagem a certos lugares secretos⁴⁸.

52 a ___ 1443. Arauto Salins, flamengo.

O Duque de Borgonha dá-lhe a quantia de 82 francos para várias viagens a França, Aragão, Catalunha, Navarra, Granada, Portugal, Galiza e Inglaterra a acompanhar Simão de Sodowiarte, cavaleiro e primeiro escanção do rei da Hungria⁴⁹.

56 a ___ 1446. Passavante Desir, português.

Este oficial de Armas do Infante D. Pedro, com denominação do mote da

⁴⁴ Idem, *ibidem*, pp. 255-256 (Doc. 167, ADN, B 1954, fl. 131 v.).

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 254 (Doc. 168, ADN, B 1954, fl. 126).

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 255 (Doc. 169, ADN, B 1954, fl. 129).

⁴⁷ Idem, *ibidem*, p. 288 (Doc. 204, ADN, B 1961, fl. 154). Um arauto com esta denominação permite concluir que D. Afonso teve ao serviço outros oficiais de armas como, por exemplo, Guimarães, Barcelos, Chaves, Bragança, etc., localidades de seu senhorio e do Condado de Barcelos.

⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 289 (Doc. 218, AGR CC 46954, fl. 129 v.).

⁴⁹ Idem, *ibidem*, pp. 352-353 (Doc. 260, ADN, B 1978, fls. 102 e 102 v.).

sua empresa, é enviado em 10 de Outubro, estando em Bruxelas, a acompanhar Fernando de Miranda, cavaleiro português mas conselheiro e camareiro do Duque de Borgonha, na sua embaixada a Portugal⁵⁰, já referenciada anteriormente.

57 a ___ 1446. Passavante Balança, português.

Ao serviço do Infante D. Pedro, com denominação do corpo da sua empresa, recebe do Duque de Borgonha, em Lovaina, a quantia de 19 libras para ajuda da viagem de regresso a Portugal⁵¹.

58 a ___ 1447. Rei de Armas, português.

De seu nome próprio Pedro Rui Moniz é o primeiro oficial de armas português de que se conhece a identidade para além do nome de baptismo no cargo.

Viajou à Flandres e esteve em Bruges com o Duque de Borgonha para tratar de alguns assuntos secretos e recebe 40 libras para ajuda da viagem de regresso junto do rei de Portugal⁵².

No documento o seu nome é Pierre Roimain que Jacques Paviot identificou como Pedro Rui Moniz⁵³.

344

60 a ___ 1449. Passavante Balança, português.

Já anteriormente referenciado, volta a Bruxelas e recebe do Duque de Borgonha 24 libras por lhe ter feito um brasão de armas quando em Fevereiro de 1448 o visitara⁵⁴.

67 a ___ 1451. Passavante Vous Seulle, português.

Este passavante, ao serviço do Infante D. Fernando, Duque de Beja, irmão de D. Afonso V e pai de D. Manuel I, visitou em Bruxelas o Duque de Borgonha e recebeu o donativo de 8 libras⁵⁵.

68 a ___ 1452. Arauto Lisboa, português.

Este arauto, já referenciado pelas suas viagens a Inglaterra e Roma, esteve

⁵⁰ Idem, *ibidem*, p. 365 (Doc. 282, ADN, B 1991, fl. 76 v.).

⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 367 (Doc. 285, ADN, B 1991, fl. 194 v.).

⁵² Idem, *ibidem*, p. 369 (Doc. 290, ADN, B 1994, fl.164).

⁵³ Idem, *ibidem*, p. 40.

⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 376 (Doc. 300, ADN, B 2002, fls. 192 2 192 v.).

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 382 (Doc. 312, ADN, B 2008, fl. 309 v.). A sua denominação por baptismo no cargo, vem revelar-nos o desconhecido mote da empresa – uma bóia de cortiça – do Duque de Beja.

também em Bruxelas com o Duque de Borgonha, no mês de Março, e recebeu uma ajuda de 24 libras⁵⁶.

68 b ___ 1453. Arauto Coimbra, português.

Este arauto de D. Afonso V esteve em Lille perante o Duque de Borgonha que lhe ofereceu a quantia de 7 libras para ajuda do seu regresso a Portugal⁵⁷.

68 c ___ 1453. Rei de Armas Portugal, português.

D. Afonso V concede-lhe uma tença de 6 000 reais brancos pelos muitos e bons serviços prestados⁵⁸.

69 a ___ 1457. Passavante Salins, flamengo.

Esteve em Ceuta com João de Chassa durante longo tempo⁵⁹.

69 b ___ 1457. Passavante Paine por Joye, português.

Oficial de armas do Infante D. Pedro, Condestável de Portugal, com denominação do mote da sua empresa – a roda da fortuna.

Esteve em Bruges com o Conde de Charolais, Carlos o Temerário, e é-lhe dada a quantia de 15 libras para o seu regresso a Portugal⁶⁰.

345

71 a ___ 1459. Arauto Alcácer, português.

Levou cartas secretas de D. Afonso V para o Duque de Borgonha que lhe entregou as respostas e lhe deu 20 libras para ajuda da viagem de regresso⁶¹.

74 a ___ 1461. Passavante do rei D. Afonso V, português.

Oficial de armas de D. Afonso V, que lhe mandou entregar cartas fechadas a Carlos, o Temerário, Duque de Charolais⁶².

⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 384 (Doc. 315, AGR, CC 1921, fl. 344).

⁵⁷ Idem, *ibidem*, p. 386 (Doc. 321, ADN; B 2012, fl. 284). Pensamos que deve ter sido arauto do Infante D. Pedro, com denominação do seu Ducado de Coimbra, e passou depois da Batalha de Alfarrobeira para o serviço do rei.

⁵⁸ A.N.T.T. Chancelaria de D. Afonso V, liv. 3, fl. 47; Luís Ferros, *Breve Panorama da evolução da Heráldica de família em Portugal* (Séculos XII-XX), Separata das Actas do XV Congresso de Genealogia e Heráldica, Heráldica, p. 47 e nota 19.

⁵⁹ Jacques Paviot, op. cit., p. 396 (Doc. 338, ADN, B 3661, fl. 16 v.). Pensamos que o arauto com a mesma denominação e referenciado em 1443 (52 a) deve ter morrido e o seu nome de baptismo no ofício concedido de novo a este passavante, agora ao serviço de Carlos, Conde de Charolais.

⁶⁰ Idem, *ibidem*, p. 398 (Doc. 344, ADN, B 3661, fl. 42 v.).

⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 407 (Doc. 355, ADN, B 2034, fl. 193 v.). Segundo o documento citado o seu nome próprio era João.

⁶² Idem, *ibidem*, p. 409 (Doc. 359, ADN, B 2040, fl. 231 v.).

No documento citado: *A Jehan Mers (ou Niers) poursuivant d'armes du roy de Portugal*.

77 a ___ 1466. Passavante Quimera, flamengo.

De seu nome próprio Jehan de Sain Aldegonde, o que é raríssimo saber-se, foi oficial de armas de D. Afonso V. Esteve em Lille, de onde partiu em viagem por outros países no cumprimento de missões, que lhe foram confiadas pelo rei de Portugal⁶³.

Em Novembro de 1467 voltou à Flandres. Em Liège recebeu 25 libras para ajuda do seu regresso a Portugal⁶⁴.

No ano seguinte, em Setembro de 1468, passando ao serviço de Carlos, o Temerário, Duque de Borgonha, recebe uma concha de prata com a qual foi baptizado como passavante Lothier⁶⁵.

80 a ___ 1471. Rei de Armas Portugal, português.

No seguimento da sua viagem a França, já referida, esteve na Flandres. O Duque de Borgonha, Carlos o Temerário, ofereceu-lhe 7 varas de cetim preto para mandar fazer um gibão.

346

Na mesma ocasião foi feita idêntica oferta ao Rei de Armas Corbeye⁶⁶.

89 a ___ 1485. Rei de Armas Algarve de Além Mar em África, português.

Ordenou as armas de mercê de fidalgo de cota de armas a João Fernandes do Arco, por expresso mandado de D. João II, pelos serviços prestados a D. Afonso V nas conquistas de Arzila e Tânger e noutras partes e ainda por quanto de si espera que ainda faça.

Na respectiva Carta, passada em Viana do Alentejo aos 28 de Fevereiro de 1485, expressa-se que o faz fidalgo de cota de armas e o tira do número e conto da gente popular⁶⁷.

⁶³ Idem, *ibidem*, p. 414 (Doc. 371, ADN, B 2058, fl. 175).

⁶⁴ Idem, *ibidem*, p. 424 (Doc. 389, ADN, B 2064, fls. 402 e 402 v.).

⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 431 (Doc. 398, ADN, B 2068, fls. 234 e 235).

⁶⁶ Idem, *ibidem*, p. 452 (Doc. 432, ADN, B 2089).

⁶⁷ Anselmo Braamcamp Freire, *Armaria Portuguesa*, sd, sli, s.v. Arco, pp. 38-39 e respectivo texto da carta extratado do Liv. 2.^o de Místicos, fl. 120. O teor desta carta contraria sobremaneira a opinião generalizada dos genealogistas que apontam e fazem de João Fernandes membro da linhagem dos Andrades. De notar que tendo os feitos sido cometidos em África é o rei de armas com jurisdição nesse continente que ordena as armas. De notar ainda a existência de dois reis de armas Algarve: o Rei de Armas Algarve e o Rei de Armas Algarve de Além Mar em África. Circunstância que demonstra não ter sido o rei D. Manuel o primeiro monarca português quem nomeou oficiais de armas para os territórios ultramarinos, o que só foi, na realidade, por ele ordenado anos depois da descoberta da Índia e aquando da sua reforma heráldica em Leitura Nova, cerca de 1509-1511.